1.13. ESTRATÉGIAS DE REVITALIZAÇÃO DAS MARINHAS DE SAL: O CASO DA MARINHA SANTIAGO DA FONTE

F. M. Cardoso Pedrosa Ferreira Martins [1], A. M. Tavares dos Santos Ferreira da Silva[2], H. C. da Cruz Albuquerque [3]

[1]*Universidade de Aveiro, Campus de Santiago, 3810-193 Aveiro, filomena@ua.pt*
[2] *Universidade de Aveiro, Campus de Santiago, 3810-193 Aveiro, a.silva@ua.pt*
[3] *Universidade de Aveiro, Campus de Santiago, 3810-193 Aveiro, helena.albuquerque.pt*

Palavras-chave: Sal, espaços salícolas, ecoturismo, rotas culturais

RESUMO

As salinas, estruturas artificiais construídas pelo Homem, com o propósito de produzir sal, desempenharam um papel relevante na evolução dos espaços estuarinos onde foram implantados. No entanto, desde meados do século XX que a actividade entrou em declínio, suscitando o desaparecimento de todo um património natural, cultural e histórico. A reversão deste processo exige o desenvolvimento de novas estratégias e meios de valorização e rentabilização destas áreas naturais.

É neste âmbito que surge o Projecto Europeu ECOSAL-ATLANTIS "Ecoturismo nas salinas Atlânticas: uma estratégia de desenvolvimento integral e sustentável" (2010 - 2012), no âmbito do programa transnacional Espaço Atlântico. Este projecto tem como objectivo principal conseguir um desenvolvimento conjunto, integral e sustentável do turismo baseado no património cultural e natural dos espaços salícolas tradicionais do Atlântico.

A implementação de uma rota turística promotora da herança salineira destes espaços é um dos objectivos centrais do projecto, para que o público possa reconhecer e valorizar o património natural e cultural das salinas e da actividade salícola, que desempenharam um papel relevante na construção da história e identidade do Espaço Atlântico.

Para concretizar os objectivos propostos, a Universidade de Aveiro, enquanto membro do projecto, tem desenvolvido um conjunto de actividades e acções no sentido da integração da Marinha Santiago da Fonte, da qual é proprietária, na Rota “Sal Tradicional Rota do Atlântico”. Neste contexto, têm vindo a ser desenvolvidos trabalhos relacionados com a avaliação da biodiversidade do local e a posterior definição de directrizes que contribuirão para a conservação do espaço e a promoção de um turismo sustentado nessas potencialidades. Foram ainda desenvolvidos workshops em áreas como a promoção do turismo acessível, do produto “SAL” e das argilas, saúde e bem-estar.
Com o desenvolvimento destas acções pretende-se responder ao objectivo central do projecto de implementação e auto-suficiência da Rota “Sal Tradicional Rota do Atlântico” e consequentemente destes espaços através da promoção da sua conservação, compreensão e dinamização.

1. INTRODUÇÃO

As salinas estão localizadas em espaços naturais, com um importante património natural e paisagístico, sendo cada vez mais procuradas para fins turísticos. Situam-se em zonas húmidas que integram ecossistemas com elevada produtividade ao nível da diversidade biológica e são importantes espaços para a avifauna nomeadamente para a sua alimentação, repouso e nidificação. No entanto, uma parte significativa das salinas da costa europeia atlântica está abandonada devido a diversos fatores como os elevados custos de manutenção, a falta de mão-de-obra e a pouca rentabilidade na venda do sal, existindo o risco de perda de um relevante património natural, cultural e histórico associado a estes espaços e à produção de sal.

A reversão deste processo de declínio exige o estudo de novas estratégias de revitalização associadas a estes espaços que promovam a sua conservação e valorização.

Com este artigo pretende-se apresentar o trabalho que está a ser desenvolvido na Universidade de Aveiro, no âmbito do projeto ECOSAL ATLANTIS, para integração da Marinha Santiago da Fonte na Rota "Sal Tradicional Rota do Atlântico".

2. AS SALINAS COMO PRODUTO TURÍSTICO

As salinas localizam-se em áreas húmidas de grande importância para a conservação da natureza e manutenção da biodiversidade, importância essa comprovada pela atribuição de diferentes estatutos de proteção, tais como a inclusão na Rede Nacional de Áreas Protegidas (RNAP), Zona de Proteção Especial, ao abrigo da Rede Natura 2000 e Sítio Ramsar (Convenção para a Proteção das Zonas Húmidas). A sua localização em áreas sensíveis implica uma maior preocupação na avaliação dos potenciais impactos que o desenvolvimento de actividades económicas pode causar ao ecossistema.

O ecoturismo e o turismo de natureza são opções para a visitação e "exploração" destes espaços e o desenvolvimento de novas actividades que permitam uma compatibilidade com a produção artesanal de sal, actividade secular que contribui para a preservação e manutenção destes espaços.

O património natural, cultural e histórico associado às salinas e à produção de sal permitem potenciar um conjunto de atividades ligadas a estes valores, nomeadamente atividades turísticas e de lazer, atividades científico-pedagógicas, atividades histórico-etnográficas e ainda atividades ligadas à saúde e bem-estar. Algumas destas actividades são sustentadas por estruturas museológicas e outras são desenvolvidas pelos produtores individualmente ou organizados em estruturas associativas, por empresas privadas ou por centros de investigação.

Actualmente o turista procura não só um turismo cultural mas também social e "verde", sendo necessário introduzir medidas de aferição do impacto da degradação potencial causada pela frequência turística para se poderem implementar medidas minimizadoras desses impactos e de preservação do espaço (Penette et al 2010).

3. AS ROTAS CULTURAIS

A crescente procura dos turistas por novos destinos e culturas promoveu o surgir de um novo modelo de turismo que não só promovesse o reforço de identidade europeia através de um património partilhado, mas também congregasse a redução da concentração de turistas num local e a sazonalidade.

Por este motivo, foi criado em 1987 o programa dos Itinerários Culturais do Conselho da Europa. Este programa pretendia promover o património cultural comum dos diferentes países da Europa como recurso para o desenvolvimento sustentável das regiões, através do desenvolvimento de itinerários ou rotas (http://www.culture-routes.lu/php/fo_index.php?).

As Rotas têm como objectivo a promoção da consciência de uma identidade cultural comum através da compreensão da história da Europa baseada em valores patrimoniais, materializados em percursos; a salvaguarda do património como recurso para o desenvolvimento social, económico e cultural da Europa e a valorização do património visando um turismo sustentável. As rotas preconizam os valores fundamentais do Conselho da Europa: os direitos humanos, a democracia cultural, a diversidade e a identidade cultural, o diálogo, a troca e enriquecimento mútuo para além das fronteiras. As rotas contribuem para o desenvolvimento das localidades dando-lhes visibilidade e permitindo o conhecimento histórico do território.

Neste âmbito, em 1997, resultado de um acordo entre o Conselho da Europa e o Grão-Ducado do Luxemburgo, foi criado o Instituto Europeu dos Itinerários Culturais que tem por missão: *Colocar em marcha o programa de Itinerários Culturais do Conselho da Europa com base na promoção de projectos de turismo cultural que valorizem o património num contexto de desenvolvimento local (*http://www.culture-routes.lu/php/fo_index.php?).

O primeiro itinerário ou rota cultural a ser criado por este instituto foi o de Santiago de Compostela. Posteriormente foram criados vinte e nove itinerários, na grande maioria antigas rotas romanas ou de peregrinos. As diferentes rotas europeias criadas como: a Rota dos Fenícios; Rota da Oliveira; entre outras são exemplos de boas práticas de turismo sustentável através da promoção do património comum dos diversos países (http://www.culture-routes.lu/php/fo_index.php?).

3.1. Uma rota do sal

Ao longo de séculos, o sal teve um papel de relevo na economia mundial e na cultura dos povos. O sal influenciou a vida do homem aos mais diversos níveis ao longo da história como símbolo religioso, moeda, fonte de poder e motivo de conflitos.

O sal foi utilizado como elemento purificador e de baptismo, como moeda para pagamento de salários e cobrança de impostos, na saúde para cura de enfermidades (Hueso, 2007). A importância do sal foi preponderante estando reflectida na etimologia com diversas palavras como: salário; salada; salgado; saleiro; Salzburg e muitas outras.

A criação de uma rota do sal associa-se de imediato às antigas rotas de comércio do sal ao longo de séculos e que pela sua importância promoviam o intercâmbio entre os diferentes povos.

Exemplo dessa importância é a construção de estradas como a via salaria, rota utilizada para transportarem sal das salinas litorais até à região dos sabinos (tribo da região central da Península Itálica) (Almeida, C., 2005).

4. A ROTA "SAL TRADICIONAL ROTA DO ATLÂNTICO"

O desenvolvimento de uma rota temática começou a ser estruturado no âmbito do projeto SAL - Sal do Atlântico (2004-2007), financiado pelo programa Interreg IIIB Espaço Atlântico, com a definição dos requisitos mínimos à escala nacional e transnacional para integração na rota e a necessidade de criação de um comité da rota com um representante de cada parceiro.

No entanto, foi com o projeto "Ecoturismo nas salinas atlânticas: uma estratégia de desenvolvimento integral e sustentável – ECOSAL ATLANTIS", financiado pelo programa Interreg IVB Espaço Atlântico, que a criação da rota começou a ser desenvolvida. Este projeto tem como objetivo principal promover um desenvolvimento conjunto, integral e sustentável do turismo baseado no património cultural e natural dos espaços salícolas do Atlântico, englobando a participação de quatro países (Portugal, Espanha, França e Reino Unido) e treze sócios.

O projeto está organizado em atividades que englobam as áreas do património cultural e natural; do desenvolvimento territorial sustentável e da biodiversidade e turismo de natureza.

Um dos resultados esperados durante o projeto é a implementação de uma rota que integre e valorize os espaços salícolas Atlânticos com um conjunto de directrizes integradas que permitam manutenção e valorização dos espaços salícolas. A longo prazo foram estabelecidos diversos objectivos: a perenização da rota; a sua ampliação a novos participantes, o seu reconhecimento pelo Comité das Rotas Culturais do Conselho da Europa, a sua auto-suficiência e a utilização das ferramentas criadas no âmbito do projeto (bases de dados, indicadores, gestão patrimonial, diretrizes de ecoturismo e a própria rota) em outros contextos geográficos.

Atualmente a rota já está homologada em Espanha, Portugal e França, aguardando-se a sua homologação no Reino Unido, estando os sócios do projeto a desenvolver um conjunto de ações e readaptações dos seus espaços para, por um lado, cumprir os requisitos exigidos e por outro, assegurar a sua sustentabilidade após o término do projeto. Como ações comuns aos diferentes locais (requisitos transnacionais) destacamos: a criação de um logótipo, de um folheto; de sinalética e a sua divulgação como local visitável.

4.1 Biodiversidade e Turismo de Natureza na Rota

De forma a integrar a biodiversidade e o turismo da natureza na rota do sal, está a organizar-se a uma atividade no projeto ECOSAL ATLANTIS (da responsabilidade do sócio Centre National de Recherche Scientifique (Geolittomer)), que tem como objetivos: a) avaliação científica dos espaços salícolas b) determinação de situações paisagísticas promotoras de biodiversidade para o bom funcionamento dos ecossistemas nas zonas salícolas c) definição de diretrizes para o desenvolvimento de turismo de natureza com a implementação de medidas de conservação e melhoria do potencial do património natural e paisagístico, incluindo mudanças nas modalidades de gestão hidráulica. Esta atividade tem como finalidade a manutenção e recuperação de habitats próprios dos espaços salícolas no âmbito do turismo de natureza, com aplicação de medidas específicas por alguns parceiros.

A Universidade de Aveiro, conjuntamente com o coordenador nacional do projeto, assumiu os trabalhos para os locais portugueses para avaliação da biodiversidade existente e tem desenvolvido um conjunto de ações, nomeadamente:

- levantamento cartográfico de habitats e avifauna nas marinhas selecionadas na Ria de Aveiro, Figueira da Foz e Rio Maior;
- Criação de base de dados SIG e de mapas de apoio ao trabalho de campo.
- contagens de aves e avaliação dos parâmetros abióticos, de acordo com uma metodologia definida, para responder à ação "Avaliar o Potencial Ecoturístico dos Sítios" que tem como objetivo avaliar, em salinas com diferentes utilidades e gestões (activas, piscicultura e inactivas/abandonadas), a diversidade de avifauna e o uso do espaço por parte desta, nomeadamente dos diferentes reservatórios que as constituem; e avaliar a relação entre os resultados obtidos e os fatores externos tais como o ciclo tidal, as condições meteorológicas, os fatores de perturbação e parâmetros abióticos como a qualidade e profundidade da água
- construção ilhas de nidificação. Foram criadas um conjunto de ilhas no interior das três salinas inseridas no estudo que estão a desenvolver a actividade salícola (duas em Aveiro e uma na Figueira da Foz) com o objetivo de melhorar o sucesso reprodutivo de algumas espécies de aves que habitualmente nidificam nas salinas. A intervenção pretende demonstrar também que a criação destas estruturas é compatível com a normal produção de sal (Cruz. T., 2011)
- Estas ações visam contribuir para o estabelecimento de directrizes para um turismo de natureza.

5. A INTEGRAÇÃO DA MARINHA SANTIAGO DA FONTE NA ROTA "SAL TRADICIONAL ROTA DO ATLÂNTICO"

Figura 1. Marinha Santiago da Fonte

A Universidade de Aveiro, como parceira do projeto ECOSAL ATLANTIS, tem vindo a desenvolver atividades e intervenções físicas que permitam uma plena integração da Marinha Santiago da Fonte na Rota "Sal Tradicional Rota do Atlântico". Estas atividades e intervenções estão a ser co-financiadas pelo Projeto ECOSAL ATLANTIS, e irão permitir que a Marinha Santiago da Fonte se torne um local aprazível e visitável por todos, ainda que com caraterísticas diferentes dos outros locais salineiros. Esta diferenciação deve-se essencialmente à questão da Marinha Santiago da Fonte pertencer a uma

Universidade e como tal, estar integrada numa entidade que poderá promover, além da visitação comum, uma visitação de caráter mais científico, utilizando para tal os recursos e competências que possui.

De seguida, abordaremos as diversas atividades e intervenções que estão a ser elaboradas, no sentido de criar condições de visitação a esta marinha.

5.1. Intervenções realizadas na Marinha

A Universidade de Aveiro é proprietária de cinco marinhas. Apenas a Marinha Santiago da Fonte está em actividade com a produção de sal marinho pelo método artesanal. Esta marinha foi objeto de uma primeira intervenção de recuperação do espaço no âmbito do projeto Interreg IIIB SAL (2004-2007) com a reabilitação do espaço físico (armazém e muros da marinha), a sua adaptação para o desenvolvimento de atividades científicas e pedagógicas e a valorização do produto (caraterização e posterior certificação).

No âmbito do projeto ECOSAL ATLANTIS (2010-2012) têm vindo a ser desenvolvidas e estão previstas um conjunto de intervenções com a finalidade de criar condições de visitação com acessibilidade e mobilidade para todos os públicos em que destacamos as seguintes:

- passadiço sobre a marinha que permite a observação do espaço de produção e da avifauna acessível para todos (já implementado)
- passadiço de ligação da entrada da marinha à entrada do armazém para criar condições de acessibilidade para todos (em estudo)
- observatório de aves no exterior (em estudo)
- palheiro de apoio para os marnotos (em estudo)

Para a implantação das futuras infra-estruturas está a ser estudado um material novo constituído por plástico reciclado praticamente sem custos de manutenção e que será do ponto de vista ambiental sustentável. Nesse sentido e para conhecer o comportamento deste produto em ambientes hipersalinos está a ser avaliada a hipótese de estabelecer um protocolo entre a Universidade de Aveiro e uma empresa que comercializa o produto para desenvolver um projecto de Investigação e Desenvolvimento analisando desta forma possíveis migrações do produto “plástico” para o produto “sal certificado”. Com o desenvolvimento deste estudo os outros espaços salícolas e outras áreas naturais poderão adoptar o uso deste material.

5.2. O Desenvolvimento de Workshops Temáticos

O desenvolvimento de workshops temáticos tem como principal objetivo perceber como os espaços salineiros podem ser potenciados para o desenvolvimento de atividades turísticas, aproveitando quer o espaço, quer os recursos aí existentes. Desta forma, foram desenhados três workshops, com objetivos distintos que permitem identificar quais os diferentes tipos de públicos que podem/querem visitar estes locais, que tipo de atividades podem ser realizadas, de acordo com os recursos que este locais possuem e como se pode promover o produto produzido nas marinhas, tendo sempre presente a necessidade de continuar a preservar e salvaguardar estes locais, bem como a necessidade de preservar e revitalizar a produção de sal marinho tradicional.

Os workshops desenvolvidos versaram as seguintes áreas: turismo acessível; argilas, saúde e bem-estar; gastronomia, nutrição e química alimentar.

5.3. O workshop “Públicos Especiais – promoção do turismo acessível nas marinhas de sal”

As salinas são locais com uma procura crescente para atividades turísticas e de lazer. No entanto, estes espaços naturais não estão adaptados para permitirem a visitação de pessoas com necessidades especiais relativamente à acessibilidade e mobilidade.

Com o desenvolvimento deste workshop pretendeu-se identificar as necessidades destes públicos nas visitas a estes espaços, bem como readaptar o modelo de visita existente para a marinha Santiago da Fonte com a finalidade de tornar o espaço e o modelo de visita inclusivos. Nesse sentido foram identificadas algumas questões:

- Quais as adaptações necessárias que deveriam ser feitas aos equipamentos e aos percursos existentes, aos produtos elaborados para a promoção e divulgação e que adaptações deveriam os guias fazer nas suas práticas de acompanhamento dos visitantes?
- E foram estabelecidos os seguintes objectivos:
- transmitir informação acerca das necessidades dos públicos com mobilidade condicionada e dificuldades sensoriais nas visitas a espaços naturais, nomeadamente às salinas;
- receber os contributos dos vários participantes para a elaboração da proposta de modelo de visita;
- elaborar uma proposta de modelo de visita inclusiva que acondicione as especificidades de públicos com necessidades especiais.

Foi identificado como público-alvo: entidades e técnicos ligados à área do turismo.

O workshop foi desenvolvido em três fases distintas: 1) contributo das associações e entidades que trabalham com públicos com necessidades especiais com o objectivo de melhorar as condições de visitação na Marinha Santiago da Fonte; 2) visita de um grupo piloto de pessoas com mobilidade reduzida e com dificuldades sensoriais à Marinha Santiago da Fonte; 3) workshop Públicos Especiais – Promoção do Turismo Acessível nas Marinhas de Sal.

Na primeira fase as associações e entidades apresentaram as suas experiências na área do turismo acessível, conheceram o trabalho desenvolvido na Marinha Santiago da Fonte e deslocaram-se ao local para um contacto com o espaço.

Depois deste conhecimento foi distribuída uma ficha para que pudessem comentar o espaço físico em termos de acessibilidade e mobilidade e os materiais com sugestões de melhoria. Após a análise das sugestões foi possível concluir existirem constrangimentos diversos nomeadamente falta de recursos humanos e financeiros para a melhoria da acessibilidade e para a adaptação dos materiais de forma inclusiva. Outra situação a destacar é o facto de o local estar inserido numa Zona de Protecção Especial, ao abrigo da Rede Natura 2000 o que limita as intervenções a realizar.

Na segunda fase foi desenvolvida uma visita à marinha Santiago da Fonte com um grupo de pessoas com mobilidade reduzida e com dificuldades sensoriais para que se pudesse avaliar no local os constrangimentos existentes. Ainda nesta fase e com a finalidade de iniciar uma formação de guias na Universidade para o desenvolvimento das visitas na marinha participaram também um grupo de alunos voluntários e técnicas dos serviços de Comunicação, Imagem e Relações Públicas, que tiveram um primeiro contacto com o modelo de visita e puderam aferir a necessidade da sua adaptação para pessoas com necessidades especiais.

Figura 4. Toque das Alfaias por uma pessoa invisual

A terceira fase foi o desenvolvimento de uma oficina de trabalho com a participação das entidades e associações convidadas e com um conjunto de técnicos superiores ligados à área de

turismo, espaços naturais e mobilidade, bem como sócios do projecto. Nesta fase pretendeu-se transmitir as informações e conclusões obtidas nas fases anteriores e solicitar aos participantes o seu contributo a dois níveis: 1) experiência nos seus municípios; 2) sugestões e contributos para a marinha Santiago da Fonte. Foram constituídos grupos de trabalho e cada grupo apresentou a sua proposta para que a Marinha Santiago da Fonte passe a ser um local acessível para todos.

Com o desenvolvimento deste workshop foi possível identificar os constrangimentos existentes para a visitação por públicos com necessidades especiais bem como possíveis soluções enumeradas pelos especialistas convidados e poderão ser comuns a outros espaços de características idênticas. Foi ainda possível concluir que os espaços salícolas ao estarem implantados em áreas naturais são passíveis de estatutos de protecção, o que restringe as intervenções possíveis. As sugestões apontadas, nomeadamente as respeitantes aos materiais, poderão ser realizadas com relativa facilidade, mas prevendo a afectação de recursos quer humanos, quer financeiros.

No entanto, foi verificado que existe uma forte apetência pela visita destes espaços por públicos especiais, o que evidencia a necessidade de realizar alterações quer no espaço, quer nos materiais, para que as marinhas possam ser visitáveis por todos.

Ao criar estas condições, a Marinha Santiago da Fonte poderá proporcionar uma visitação diferenciadora, acessível a todos, aumentando assim o leque de interessados em visitar este local.

5.4. O workshop "Argilas, Saúde e Bem-Estar"

A naturoterapia, designação genérica para tratamentos e cuidados de saúde envolvendo meios naturais, em vez de meios medicinais (e.g. fitoterapia, hidroterapia, peloterapia, termoterapia, etc.), tem vindo a ser objeto de interesse e preferência crescentes. Sempre que a naturoterapia envolve minerais (e.g. argilas, areias e "rock salt") ou outros recursos minerais, tais como, água do mar e águas termais, pode ser designada por Geomedicina (Rocha., 2011).

Com o desenvolvimento deste workshop, que irá ter duas sessões, pretende-se partilhar os resultados mais recentes, dos estudos de propriedades físicas e químicas de areias e argilas especiais, usadas tradicionalmente como materiais curativos. O workshop conta com a participação de especialistas de referência nas áreas Termalismo, da Geologia Médica e da Dermocosmética Experimental. Subjacente a esta participação está o conceito de partilha dinâmica de conhecimentos e experiências acerca dos produtos "Areias e Argilas Especiais". Foi identificado como público-alvo: técnicos de saúde, bem-estar e cosmética (e.g. diretores de Centros Termais e Spas, médicos, fisiatras, etc.)

O workshop foi estruturado em três momentos distintos: 1) comunicações dos especialistas;

Figura 5. Comunicação de um especialista

2) visita à marinha Santiago da Fonte; 3) Visita técnica a um Centro Termal com demonstração dos tratamentos.

Com o desenvolvimento da primeira sessão do workshop foi possível concluir que a investigação associada a este produto ainda está numa fase inicial, existindo, no entanto, alguns resultados clínicos na aplicação de lamas em tratamentos de patologias músculo-esqueléticas.

Este workshop permitiu verificar que as marinhas de sal possuem outros recursos além do espaço e do produto sal, que podem ser potenciadores de atividades turísticas, lazer e bem-estar e que podem ser diferenciadores, proporcionando novas experiências a quem visita estes locais.

5.5. O workshop "Sal – um inimigo a abater ou um produto a conhecer?"

Atualmente estão a ser promovidas diversas campanhas de saúde "anti-sal" com a associação indiferenciada do sal a problemas de saúde como a hipertensão, problemas cardiovasculares, entre outros. O desenvolvimento deste workshop permitiu introduzir uma nova abordagem aos produtos tradicionais sal e flor de sal e teve como finalidade partilhar conhecimentos e experiências de especialistas nas áreas da gastronomia, nutrição, saúde e química alimentar acerca do produto "Sal Marinho Artesanal". Foi definido como público-alvo um público de especialidade em áreas como a medicina, a enfermagem, a hotelaria e a restauração, bem como sócios do projecto.

Durante o workshop os especialistas interagiram com o público participante, sendo pretendido atingir os seguintes objetivos:

- evidenciar a diferença entre sal marinho artesanal, flor de sal e sal industrial (higienizado ou purificado);
- evidenciar as vantagens da utilização do sal marinho e flor de sal produzidos de forma artesanal;
- evidenciar as diferentes abordagens ao produto na ótica da gastronomia, saúde, nutrição e química alimentar;
- divulgar junto dos participantes a informação necessária para que estes possam optar pela utilização de sal marinho e flor de sal produzidos de forma artesanal e defendam a sua utilização.

O modelo adoptado para o desenvolvimento do workshop pretendeu ser inovador, ao integrar uma equipa multidisciplinar que promoveu uma interacção dinâmica com o público participante e ao realizar diversas provas. O workshop foi estruturado em diversos momentos:

- prova de aferição ao sal;
- apresentação dos vários especialistas sobre a temática do "sal marinho artesanal" com promoção de debate;
- prova organoléptica, com sais de várias proveniências geográficas e com diferentes métodos de produção (artesanal e industrial). O Objectivo foi verificar se os sais eram ou não diferentes do ponto de vista sensorial (cor, descritor de aroma, brilho, forma e tamanho dos cristais);

Figuras 2 e 3. Prova organoléptica

- prova de degustação e registo em ficha para classificação das amostras relativamente ao sabor e de acordo com parâmetros de medição do sal (insosso; neutro; apurado e salgado) destacando a amostra preferida. Neste momento do workshop existiu um interacção dinâmica entre o gastrónomo e os participantes com perguntas e explicações acerca da confecção dos pratos e ingredientes utilizados;.

- apresentação dos resultados das provas organoléptica e de degustação

O desenvolvimento do workshop pretendia responder à questão inicial colocada: "*Sal – um inimigo a abater ou um produto a conhecer*?". Com este workshop concluiu-se que o sal é realmente um produto a conhecer e que apesar de já ter sido desenvolvido um trabalho de investigação na área da química alimentar com resultados interessantes, há ainda muito trabalho a desenvolver acerca deste produto.

Os objectivos propostos foram atingidos, sendo esperados efeitos multiplicadores através do público de especialidade na sua rede de contactos e dos sócios do projeto nos seus países. Esta é mais uma vertente de exploração do produto sal marinho tradicional e que ao ser divulgado como produto de qualidade, permitirá suscitar um interesse pelo conhecimento dos locais de produção, permitindo assim dar uma maior visibilidade a estes espaços e à rota que está a ser criada.

6. SINTESE CONCLUSIVA

A Universidade de Aveiro, enquanto parte integrante do sistema científico, pretende através do espaço "Marinha Santiago da Fonte", entendido como projeto-piloto, realizar um conjunto de intervenções e desenvolver um conjunto de ações que possam por um lado ser aplicadas em outros locais salícolas e por outro ter efeitos multiplicadores enquanto fonte de informação e divulgação das potencialidades associadas ao produto e ao espaço de produção. Estas ações e intervenções permitirão responder ao objetivo central do projeto de implementação e auto-suficiência da Rota "Sal Tradicional Rota do Atlântico" e consequentemente destes espaços, através da promoção da sua conservação, compreensão e dinamização.

As competências que a Universidade de Aveiro possui, enquanto instituição universitária, permitirão desenvolver atividades turísticas inovadoras na Marinha Santiago da Fonte, aproveitando os saberes produzidos pelos diversos departamentos. Além disso, a criação de condições de acessibilidade a qualquer tipo de público tornar-se-á uma mais-valia que poderá diferenciar o espaço salineiro da Universidade dos outros espaços constituintes da Rota.

Estas são algumas das ações que podem ser desenvolvidas e integradas numa estratégia comum de revitalização das marinhas em produção de sal. É no entanto necessário que esta revitalização seja abordada de forma integrada, tendo em conta as diversas funções destes locais, nomeadamente a conservação da natureza, o turismo, o desenvolvimento de atividades lúdicas, pedagógicas e de educação ambiental e ainda a saúde e o bem-estar (Silva, 2010).

A Rota "Sal Tradicional Rota do Atlântico" servirá como base de sustentação das atividades turísticas, sendo que a estratégia de revitalização das marinhas poderá ser assim potenciada, através da visibilidade que esta rota dará quer ao espaço de produção, quer ao produto sal marinho tradicional.

BIBLIOGRAFIA

- Almeida., C., (2005) *A exploração de sal na costa portuguesa a norte do rio Ave. Da antiguidade clássica á baixa idade média*, I Seminário Internacional sobre o Sal Português, Universidade do Porto, Porto
- Cruz, T., (2011) *Biodiversidade de Avifauna Aquática em Salinas da Ria de Aveiro e do Estuário do Mondego*, Relatório de Estágio Profissionalizante, 54 p., Universidade de Aveiro,, Aveiro
- Diputacion Foral de Álava. (2009). *Proyecto ECOSAL ATLANTIS, Proposta apresentada no âmbito da candidatura ao programa Espacio Atlántico 2007-2013* [ECOSAL ATLANTIS Segunda convocatoria de proyectos (6 Abril al 5 Junio de 2009)
- Hueso, Kátia (2007) *Curso de Guias Turísticos de las Salinas Tradicionales del Arco Atlântico*, projeto INTERREG III B Espaço Atlântico SAL, Vitória

- Martins, F., Albuquerque, H., Silva, A. (2011). *Workshop Públicos Especiais – promoção do Turismo Acessível nas Marinhas de Sal*, Relatório Final, Universidade de Aveiro, ECOSAL ATLANTIS, INTERREG IVB, 15 p.
- Martins, F., Silva, A., Albuquerque, H. (2011). *Workshop Sal – Um inimigo a abater ou um produto a conhecer?* Relatório Final, Universidade de Aveiro, ECOSAL ATLANTIS, INTERREG IVB, 30 p.
- Silva, A., 2010. *Estratégia para uma Gestão Sustentável do Salgado de Aveiro* (Dissertação de Mestrado), 138 p., Aveiro: Universidade de Aveiro
- Ramsar Convention Secretariat. (2006). *The Ramsar Convention manual: a guide to the Convention on Wetlands* (Ramsar, Iran, 1971), 4th ed. Ramsar Convention Secretariat, Gland, Switzerland
- Rocha., F. (2011), *Argilas Curativas*, comunicação realizada no workshop "Argilas, Saúde e Bem-Estar", no âmbito do projeto Ecosal Atlantis, Universidade de Aveiro, Aveiro
- Penette et al (2010) *Les Itinéraires Culturels du Conseil de L´Europe*, apresentação realizada para a revista Astra, Roménia
- http://www.culture-routes.lu/php/fo_index.php?